

## OS PROCEDIMENTOS CLASSIFICATÓRIOS DAS RELIGIÕES GRECO-ORIENTAIS

Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto  
Universidade Federal Fluminense

**RESUMO:** *Os cultos greco-orientais que floresceram entre os séculos I e IV a. d. procuravam organizar o universo a partir de seus próprios sistemas classificatórios. Os procedimentos classificatórios utilizados em relação a outros sistemas de crenças serão estudados aqui como estratégias de estruturação de agentes sociais e da própria realidade.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *História Romana; Paganismo Greco-Oriental; Sincretismo; Sistemas de Crenças; Religião Romana.*

Utilizaremos aqui a contribuição de vários campos das ciências humanas, da História, da Sociologia e da Antropologia, para a análise dos cultos greco-orientais que dominaram a cena religiosa do Império Romano entre os séculos I e IV a. d. (Turcan, 1989, p.7-33). Escolhemos este viés por considerarmos a interdisciplinariedade fundamental para que o historiador possa romper com a "história narrativa" ou com a "história comemorativa" e construa uma "história problema" ou "história sociológica" que se preocupe tanto com a conceitualização quanto com a descrição (Veyne, 1976, p. 12).

Analisaremos aqui os procedimentos classificatórios, elemento que consideramos fundamental para a compreensão de um sistema de crenças como os cultos greco-orientais. Concordamos neste ponto com Durkheim que afirma que

*"Todas as crenças religiosas conhecidas, ..., apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens representam em duas classes ou em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos traduzidos, relativamente bem, pelas palavras profano e sagrado" (Durkheim, 1989, p. 68).*

Desse modo, os sistemas de crenças também são sistemas de classificação, o que nos permite dizer que eles possibilitam e determinam formas de conhecimento (Mauss, 1981, p. 451). Além disto, do mesmo modo que a cultura escolar nas sociedades modernas,

*"A religião nas sociedades primitivas, ..., propicia aos indivíduos um corpo comum de categorias de pensamento que tornam possível a comunicação" (Bourdieu, 1987, p. 205).*

Na sociedade imperial romana a escolaridade era bastante restrita (Grimal, 1988, p. 77) e os valores dominantes se baseavam nos laços familiares e na riqueza fundiária (Veyne, 1976, cap. IV), o que dava aos ritos e crenças religiosos um papel destacado na construção da identidade social<sup>1</sup>.

A religião romana arcaica que, desde o séc. III a. C., ao fim de um longo processo de sincretismo, se fundira com a religião grega e etrusca (Dumézil, 1966, p.540), encontrava-se em uma profunda crise entre os séc. I a. C. e I a. d. Esta crise estava ligada à decadência das Cidades-Estado, a cuja vida cívica o paganismo greco-romano estava intrinsecamente ligado.

A unificação da bacia do Mediterrâneo pelo Império Romano e a mobilidade social dela decorrente desestruturaram o universo das Cidades-Estado. Os laços do indivíduo com sua comunidade de origem foram cortados, o que o lançou em um mundo móvel e instável, como podemos ver nesta passagem de Sêneca:

*"Viver longe da pátria é intolerável. Olha, pois, para a multidão à qual não são suficientes as casas de Roma: a maior parte dela está longe de sua pátria. Afluem de seus municípios, de suas colônias, de toda a Terra, quem levado pela ambição, quem pelo seu dever de magistrado, quem por uma missão confiada, quem pelo afã de gozar em lugar mais apropriado e rico de vícios, quem pelo desejo de estudos literários, quem pelos espetáculos: alguns foram impelidos pela amizade, outros por uma atividade que encontrou mais amplo teatro para demonstrar a própria virtude; alguns levaram para lá sua venal beleza; outros sua venal eloquência. Nenhuma raça de homens falta na cidade, que oferece grandes prêmios às virtudes e aos vícios. Suponhamos que todas essas pessoas sejam chamadas, uma por uma; e se pergunte a cada uma onde nasceu: veremos que a maioria é formada por gente que deixou sua residência para se estabelecer numa cidade grandíssima e bellíssima, realmente, mas não sua" (Sêneca, Consolação a Minha Mãe Hélvia, VI, 2-3).*

Esta "sociedade aberta" (Dodds, 1988, p. 254) gerou questões que o paganismo greco-romano não conseguia mais satisfazer, como as inquietudes sobre a alma (Dumézil, 1966, p. 350-351).

Este é o quadro que vai possibilitar o florescimento dos cultos que podemos chamar de "greco-orientais", pois, embora eles provenham de sociedades distintas e com culturas próprias, como o Egito, a Pérsia, a Anatólia e a Síria (Burkert, 1992, p.15), todos sofreram uma forte influência da cultura grega (Turcan, 1989, p.11).

As divindades cujos cultos mais se difundiram durante a "pax romana", até serem afetados pela crise geral da sociedade romana no séc. III a. d. (Turcan, 1989, p.333), foram Ísis, Cibele e Átis, Mitra, Dionísio-Sabázio, e a "Dea Syria". Eles

1. O papel das religiões greco-orientais na construção da identidade social foi tratado por nós no artigo: "Da Libação à Comunhão: Ritual Religioso e Identidade Social no Império Romano" In: PESSANHA, N., BASTIAN, V. *Vinho e Pensamento*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

não entraram na cena religiosa de Roma do mesmo modo nem ao mesmo tempo. Cibele foi incorporada ao panteão romano a pedido do senado durante a segunda Guerra Púnica, em 204 a. C., e, embora sob forte regulamentação, nunca sofreu perseguições, já o culto de Ísis, que chegou à Itália no final do período republicano, sofreu numerosas perseguições até o período imperial (Turcan, 1989, p.87-95). A violenta perseguição às bacanais em 186 a. C. mostra como os novos cultos provocavam a desconfiança da classe dirigente de Roma (Dumézil, 1966, p.495-500). Outros cultos, como o de Mitra, só surgiram como fenômenos de alguma importância na época imperial, se tornando dominantes durante a época da "pax romana".

Apesar de terem sua origem em cultos nacionais ou locais estas divindades ultrapassaram os limites de suas comunidades de origem, coisa que os deuses greco-romanos nunca fizeram totalmente. Os cultos greco-orientais se apresentavam como um sistema de crenças universalista capaz de assegurar aos seus fiéis uma existência satisfatória neste mundo e de salvá-los dos horrores do além (cf. Apuleio, O Asno de Ouro, XI, 21).

Este projeto universalista supunha que estes cultos elaborassem um sistema que classificasse o mundo a partir de suas divindades tutelares, como podemos ver, a respeito de Cibele, nesta passagem de Lucrécio: "Por isso lhe deram ao mesmo tempo nome de mãe dos deuses, mãe dos animais bravios e de geradora do nosso corpo" (Lucrécio, Da Natureza, II, 598-599), ou na oração que Lucius faz a Ísis: "À tua voz os astros respondem, as estações voltam, as divindades se alegram, os elementos obedecem" (Apuleio, O Asno de Ouro, XI, 25). Quanto a Mitra, apesar de não possuímos quase nenhum texto sobre seu culto (Burkert, 1992, p. 39), sua iconografia sugere que ele seja uma divindade ordenadora do universo (Turcan, 1989, p. 305-313). Isto significa uma ruptura com o paganismo romano arcaico onde era referente a ações ou espaços limitados, como podemos ver nesta passagem de Santo Agostinho:

*"Seja, no éter, Júpiter; no ar, Juno; no mar, Netuno; nas partes inferiores do mar, Salácia; na terra, Plutão; na terra inferior, Proserpina ... Presida com o nome de Líber, o sêmem dos homens, e com o nome de Líbera, o das mulheres. Seja Diespiter que leva o parto a bom termo; seja a deusa Mena, a quem encarregam o mênstruo das mulheres; seja Lucina, invocada pelas parturientes..." (Santo Agostinho, A Cidade de Deus, IV, XI).*

Na sua classificação do mundo os cultos greco-orientais tiveram de se defrontar uns com os outros, veremos aqui quais os procedimentos classificatórios que eles usaram entre si. A documentação para tanto é bastante desigual, sendo mais numerosa em relação ao culto de Ísis e quase inexistente para o culto de Mitra. Por isto, embora tenhamos tentado nos concentrar na documentação referente à "pax romana", tivemos de utilizar textos dispersos no tempo para poder construir uma visão de conjunto.

Um sistema de crenças pode classificar outro, seja inteiro ou apenas algumas partes, como compartilhante do mesmo princípio ou, em outros termos, da mesma "verdade" que ele. Assim, ele reduz o outro a uma parte de si e torna

possível a sua incorporação, que pode ser total ou parcial, se limitando a ritos, mitos ou atitudes religiosas.

Os cultos greco-orientais são sincréticos desde de sua origem, pois todos receberam seus ritos místéricos a partir dos de Elêusis. No caso de Cibele e de Serápis foi o próprio hierofante de Elêusis, Eumólpide Timoteu que, no séc. IV a. C., escreveu obras que serviram para organizar seus cultos (Turcan, 1989, p.11-12).

Os cultos de Cibele, de Dionísio e de Sabázio se aparentavam nos seus ritos voltados para o êxtase religioso e, ao que parece, sofreram empréstimos mútuos. Isto é claro nesta passagem de Demóstenes: "... bradavas 'evoé, saboé'; dançavas ao canto de 'hies Ates, Ates hies'..." (Demóstenes, Oração da Coroa, 259-260); ou nestes versos de Eurípides: "Pegai nos pandeiros trazidos da cidade dos frígios, invenção minha e da grande mãe Réa!" (Eurípides, As Bacantes, 58-59), onde o próprio Dionísio declara o parentesco dos ritos.

O culto da "Dea Syria" teve uma identificação quase total com o de Cibele, sendo muitas vezes celebrado nos templos e nas festas da Grande Mãe. Podemos ver numa passagem do Asno de Ouro que os sacerdotes da "Dea Syria" dizem ter celebrado cerimônias secretas no templo de Cibele e identificam as duas deusas como irmãs (Apuleio, O Asno de Ouro, IX, 10).

Já o culto que Lucius devota a Ísis possui vários elementos iranianos, como a túnica usada na sua iniciação nos mistérios, que era decorada com dragões e grifos, seres da mitologia persa, a refeição cerimonial de sua iniciação, que lembra o culto mitraico, a relação entre ele e o sacerdote de Ísis baseada no horóscopo, e o próprio nome do sacerdote: Mitra! (Apuleio, O Asno de Ouro, XI, 22-25).

Aqui vemos uma grande diferença entre os procedimentos classificatórios usados pelos cultos greco-orientais e os do paganismo romano arcaico. Neste, quando um novo deus entrava no panteão, como foi o caso de Cibele em 204 a. C. (Dumézil, 1966, p. 468-472), ele o fazia como um par dos demais, mantendo suas características fundamentais; entretanto no caso citado acima Mitra é incorporado como um simples sacerdote, perdendo seu caráter divino e sendo reduzido a uma posição hierarquicamente inferior a Ísis.

Isto nos leva a outro procedimento classificatório, o henoteísmo, que consiste em "aproximar todas as divindades de um mesmo sexo de várias religiões" (Lévêque, 1973, p.186). Podemos constatar isto nas palavras que a própria Ísis dirige a Lucius:

*"Aqui para os frígios, primogênitos dos mortais, eu sou Aquela do Pessinonte, mãe dos deuses, lá para os áticos, nascidos do solo, eu sou Minerva Cecropiana; além disso, para os cipriotas, filhos das ondas, eu sou Vênus de Pafos, para os cretenses, que portam arcos, Diana de Dictis; para os sicilianos de três línguas, Proserpina Estingiana; para os antigos eleusinos, a Céres Ática; Juno para uns, Belona para outros, Hécate para estes; para aqueles Aquela de Ramnonte, mas os povos que o deus Sol ilumina ao se levantar e ilumina ao se por com seus raios declinantes, os etíopes das duas Etiópias e os egípcios possuidores de um antigo saber me adoram segundo os ritos que me são próprios e é pelo meu nome verdadeiro que eles me chamam de Ísis Rainha" (Apuleio, O Asno de Ouro, XI, 5).*

Assim, vemos nesta passagem a identificação de várias divindades femininas como expressões de uma só, sendo que existem ritos e mitos específicos que captam a real natureza da divindade (no caso os de Ísis), sendo os outros menos "verdadeiros".

As classificações analisadas acima são todas includentes, entretanto existem aquelas que são desqualificantes e excludentes. Vemos tal procedimento na descrição que Apuleio faz do culto da "Dea Syria":

*"Escutem-me como ele era um pederasta, e um pederasta velho, ..., um ser saído da lama do populacho das ruas, daqueles que, nas ruas e pelas cidades, vão tocando símbalos e castanholas e passeiam com a deusa síria forçando-a a mendigar" (Apuleio, O Asno de Ouro, VIII, 24).*

O que Apuleio faz é uma desqualificação dos ritos e fiéis da "Dea Syria", e talvez de Cibele devido à semelhança entre eles, reconhecendo, apesar de algumas ironias (Ibidem, VIII, 28-29), a figura da divindade como tal.

Para concluirmos podemos dizer, a partir dos dados analisados, que os cultos greco-orientais classificaram uns aos outros através de quatro procedimentos classificatórios distintos: a incorporação, a hierarquização, o henoteísmo e a desqualificação.

Estes procedimentos não se encontravam inseridos em sistemas classificatórios totalizantes em relação ao sagrado, mas antes fragmentários. Não existe, apesar das tentativas, uma sistematização fechada por parte de um culto greco-oriental de mitos e ritos dos outros. Isto permitia que existissem atitudes religiosas como a de Apuleio que na sua defesa diante de uma acusação de magia declarou: "Na Grécia fui iniciado em quase todas as seitas religiosas" (Apuleio, Apologia, p.459). Desse modo, podemos dizer que no período da "pax romana" a sociedade e o sagrado foram marcados pela mobilidade e por tentativas de universalismo que acabavam por redundar em particularismos.

---

*RÉSUMÉ: Les cultes gréco-orientaux qui ont fleurit entre les siècles I et IV a. d. essayaient d'organiser l'univers du point de vue de son propre système de classification. Les procédés classificatoires envers les autres systèmes de croyances sont étudiés ici comme stratégies de structuration d'agents sociaux et de la réalité elle même.*

---

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes Primárias

APULEIO. *L'Âne d'Or*. tradução de Pierre Grimal. Paris: Gallimard, 1975.

APULEIO. *Oeuvres Complètes d'Apulée*. tradução de Victor Betolaud. Paris: Frères Garnier, s/d.

CÍCERO. *Das Leis*. Tradução de Otávio de Brito. São Paulo: Cultrix, 1967.

- CÍCERO.** *De la Nature des Dieux.* Tradução de M. Matter. Paris: Panckoucke, 1830.
- DEMÓSTENES.** *Oração da Coroa.* In: *Eloquência Grega e Latina.* tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1968.
- EURÍPIDES.** *As Bacantes.* Tradução de Fernando Melro. Lisboa: Inquérito, s/d.
- LUCRÉCIO.** *Da Natureza.* Tradução de Agostinho da Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1988, (Col. Os Pensadores).
- MARCO AURÉLIO.** *Meditações.* Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1989.
- OVÍDIO.** *As Metamorfoses.* Tradução de David J. Júnior. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1983.
- PETRÔNIO.** *Satyricon.* Tradução de Paulo Leminski, São Paulo: Brasiliense, 1987.
- RES GESTAE DIVI AUGUSTI.* Oxford: Oxford University Press, 1986.
- SÊNECA.** *Apocoloquintose do Divino Cláudio.* Tradução de Agostinho da Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1988, (Col. Os Pensadores).
- SÊNECA.** *Consolação a Minha Mãe Hélvia.* Tradução de Agostinho da Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1988, (Col. Os Pensadores).
- SANTO AGOSTINHO.** *A Cidade de Deus.* Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 1990, v.1.

### **Bibliografia Geral**

- BENVENISTE, E.** *Le Vocabulaire des Institutions Indo- Européennes.* Paris: Les Éditions de Minuit, 1969.
- BOURDIEU, P.** *A Economia das Trocas Simbólicas.* Tradução de Sérgio Micel. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BURKERT, W.** *Antigos Cultos de Mistério.* Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Edusp, 1992.
- CHUVIN, P.** *Chronique des Derniers Païens.* Paris: Les Belles Lettres/Fayard, 1990.
- DODDS, E. R.** *Os Gregos e o Irracional.* Tradução de Leonor S. B. de Carvalho. Lisboa: Gradiva, 1988.
- DUNAND, F.** "Le Syncretisme Islaque à la Fin de l'Époque Hellenistique". In: *Les Syncretismes dans les Religions Grecque et Romaine.* Paris: Presses Universitaires de France, 1973, p.79-93.
- DUMÉZIL, G.** *La Religion Romaine Archaïque.* Paris: Payot, 1966.
- DURKHEIM, E.** *As Formas Elementares de Vida Religiosa.*
- FRAZER, J. G.** *La Rama Dorada.* Tradução de Elizabeth e Tadeu Campuzano. México: F.C.E., 1974

- GRIMAL, P.** *A Civilização Romana*. Tradução de Isabel St. Aubyn. Lisboa: Ed.70, 1988.
- HISTÓRIA da VIDA PRIVADA 1*. Tradução de Armando L. C. Homem. Lisboa: Afrontamento, 1989.
- LÉVÊUE, P.** "Essai de typologie des Synchrétismes". in: *Les Synchrétismes dans les Religions Grecque et Romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1973.
- MOMIGLIANO, A.** *Os Limites da Helenização*. Tradução de Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- MAUSS, M.** *Ensaaios de Sociologia*. Tradução de Luiz J. Gaio e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- SCHEID, J.** *Religion et Piété à Rome*. Paris: Éd. La Découverte, 1985.
- TURCAN, R.** *Les Cultes Orientaux Dans le Monde Romain*. Paris: Les Belles Lettres, 1989.
- VERNANT, P.** "La Grèce Ancienne et Étude Comparée des Religions". In: *ARCHIVES DES SCIENCES SOCIALES DES RELIGIONS*, Paris, n. 41, p. 5-25, 1976.
- VEYNE, P.** *Le Pain et le Cirque*. Paris: Seuil, 1976.